

Ana Cláudia Bortolozzi
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Filomena Teixeira
Isabel Chagas
Teresa Vilaça
Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes
Sonia Maria Martins de Melo
Célia Regina Rossi
Isabel P. Martins

(Organizadores)

QUESTÕES SOBRE GÊNERO:

*Novos paradigmas e
horizontes*



GRADUS
EDITORA

BORTOLOZZI, A. C.; RIBEIRO, P. R. M.; TEIXEIRA, F.; CHAGAS, I.; VILAÇA, T.; MENDES, P. de O. S. P.; MELO, S. M. M.; ROSSI, C. R.; MARTINS, I. P. (Orgs). Questões sobre gênero: novos paradigmas e horizontes. 1ª Ed: Gradus Editora. Bauru, São Paulo. 2021.

FICHA TÉCNICA

Editor-chefe

Lucas Almeida Dias

Projeto gráfico

Paulo Ricardo Cavalcante da Silva

Diagramação

Tatiane Santos Galheiro

Revisão

Lucas Rafael da Silva

Comitê Editorial Científico – Gradus Editora 2020/2021

Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana Dos Santos

Dra. Cintya de Oliveira Souza

Dra. Ana Cláudia Bortolozzi

Dra. Andreia de Bem Machado

Dra. Manuela Costa Melo

Dr. Carlos Gomes de Castro

Dra. Ana Beatriz Duarte Vieira

Dra. Janaína Muniz Pícolo

Dr. Yan Corrêa Rodrigues

Dr. Thiago Henrique Omena

Dr. Luís Rafael Araújo Corrêa

Dr. Fábio Roger Vasconcelos

Dr. Leandro Antônio dos Santos

Dr. Gustavo Schmitt

Dra. Renata Cristina Lopes Andrade

Dra. Daniela Marques Saccaro

Dra. Gladys del Carmen Medina Morales

Dra. Márcia Lopes Reis

Ana Cláudia Bortolozzi
Paulo Rennes Marçal Ribeiro
Filomena Teixeira
Isabel Chagas
Teresa Vilaça
Patrícia de Oliveira e Silva Pereira Mendes
Sonia Maria Martins de Melo
Célia Regina Rossi
Isabel P. Martins

(Organizadores)

QUESTÕES SOBRE GÊNERO:

*Novos paradigmas e
horizontes*



GRADUS
EDITORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Questões sobre gênero: novos paradigmas e horizontes. / organizadores,
BORTOLOZZI, A. C.; RIBEIRO, P. R. M.; TEIXEIRA, F.; CHAGAS, I.; VILAÇA, T.;
MENDES, P. de O. S. P.; MELO, S. M. M.; ROSSI, C. R.; MARTINS, I. P.

Bauru, SP: Gradus Editora, 2021.

232p.. : il. (algumas color.) ; PDF.

Inclui bibliografias.

978-65-88496-61-9

1 - Sexualidade; 2 - Educação Sexual; 3 - Comportamento

CDD

550.00

CIDADANIA E MEDIA: APRE(E)NDER A DESIGUALDADE DE GÉNERO ATRAVÉS DE VIDEOCLIPES

CITIZENSHIP AND MEDIA: LEARNING GENDER INEQUALITY THROUGH VIDEO CLIPS

Arminda Malho, ESAM Viseu, Portugal, arminda.malho@gmail.com

Filomena Teixeira, ESE Coimbra e CIDTFF – Universidade de Aveiro, Portugal, filomena@esec.pt

INTRODUÇÃO

As perceções e os comportamentos dos e das adolescentes e jovens são fortemente influenciados por valores familiares e comunitários, normas e condições sociais. Não obstante a diversidade de contextos, sociais e culturais, importa formar adolescentes e jovens autónomos/as, responsáveis, dotados/as de competências sociais e cívicas para saber relacionar-se com as outras pessoas e participantes ativos/as na sociedade que os/as rodeia (PASEO, 2017). E sabendo que a educação promove a formação de cidadãos e cidadãs “capazes de julgarem com espírito crítico e criativo o meio social em que se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva” (artigo 2º, ponto 5, Lei n.º 46/86), compete aos agentes educativos verificar quais as expectativas e necessidades dos/das adolescentes e jovens, confirmar o que sabem, desconstruir a desafeição que possam sentir por si próprios/as, afirmar o respeito por si próprio/a e pelo/a outro/a. Assim sendo, os e as adolescentes e jovens precisam de pessoas adultas, a assumirem-se como adultos/as, precisam da sua serenidade, bom senso, razão, coerência, disponibilidade, verdade, paixão pelas coisas da vida. O/a adulto/a deve ser tido como alguém que apoia e acompanha o/a adolescente e jovem, principal agente de aprendizagem, no processo de construção do seu conhecimento, nas dimensões cognitiva, emocional e comportamental (Frade, Marques, Alverca & Vilar, 2010).

Num mundo em constante mudança, a escola deverá ser geradora de novos cenários educativos, tornando-se num espaço privilegiado onde os e as adolescentes e jovens podem falar, ser ouvidos/as, esclarecer e refletir, sem medos nem culpas. Esta deve constituir-se como um espaço privilegiado de aprendizagem, de vivência e de exercício da cidadania nas mais diversas dimensões. Educar para a cidadania pressupõe desenvolver conhecimentos, competências, atitudes e valores que ajudem os e as adolescentes e jovens a desempenhar um papel na vida individual e coletiva e a estar informados/as e conscientes dos seus direitos e deveres.

A escola não deve ignorar a temática da sexualidade por mais polémica, delicada ou vasta que se configure, devendo criar oportunidades de reflexão e problematização sobre o assunto junto aos/as discentes. Esta é parte integrante e fundamental na vida das pessoas e uma Educação Sexual positiva pode ajudar a conhecer o corpo e a expressão corporal, a compreender e a aumentar as capacidades de decisão, a construção de um pensamento crítico e a adquirir competências nas áreas da educação sexual e do desenvolvimento pessoal e social (Alcobia, Mendes & Serôdio, 2004).

A educação sexual, dirigida às crianças, adolescentes e jovens, deve certamente ser acompanhada pela Educação para a Cidadania, pois não podemos ter uma sexualidade informada sem uma sexualidade assente nas responsabilidades individual e coletiva. Desde muito cedo as crianças aprendem normas básicas da vida em comum e a escola, enquanto espaço de socialização, deve ter a seu cargo a formação moral e cívica (Vieira, Nogueira & Tavares, 2011). Sendo um lugar onde as crianças interagem com outras crianças e com adultos/as, que podem ter diferentes valores e perspetivas, a escola deve fomentar a integração e a aceitação da diversidade como meio de incentivar uma maior igualdade de oportunidades e participação (Vieira et al., 2011). Pode assim dizer-se que a escola contribui para reforçar a sexualidade humana através das relações interpessoais. Tais interações devem estimular o respeito, a empatia, a responsabilidade, as capacidades de argumentação, de negociação e de aceitação de diferentes pontos de vista, e o desenvolvimento de novas formas de estar, de olhar e de participar em sociedade (PASEO, 2017). Importa que adolescentes e jovens unam esforços para atingir objetivos comuns, sejam resilientes

e persistentes, reconheçam os respetivos pontos fortes e fracos, respeitem diferentes perspetivas e construam consensos.

No pressuposto de que é necessário desenvolver a formação cidadã, foi elaborada a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania (ENEC), implementada nas escolas portuguesas a partir do ano letivo de 2018/2019, na componente do currículo Cidadania e Desenvolvimento. A ENEC almeja que

“crianças e jovens ao longo dos diferentes ciclos experienciem e adquiram competências e conhecimentos de cidadania em várias vertentes, designadamente, valores e conceitos de cidadania nacional, direitos humanos, igualdade de género, não discriminação, interculturalidade, inclusão das pessoas com deficiência, educação para a saúde, educação para os direitos sexuais e reprodutivos e educação rodoviária.” (Despacho n.º 6173/2016, 2016, p. 14676)

No que diz respeito à educação para a saúde, educação para os direitos sexuais e reprodutivos, em Portugal há documentos legais que regulamentam e/ou orientam a sua implementação nas escolas, nomeadamente a Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto, que estabelece o regime de aplicação da Educação Sexual em meio escolar, a Portaria 196-A/2010, de 9 de Abril, que define as orientações curriculares adequadas para os diferentes níveis de ensino e o Referencial de Educação para a Saúde, aprovado em maio de 2017, e que “pretende ser uma ferramenta educativa flexível, de adoção voluntária, passível de ser utilizada e adaptada em função das opções e das realidades de cada contexto educativo, desde a educação pré-escolar ao ensino secundário, nas suas diferentes modalidades.” (p.7)

Importa ainda referir que, no dia 21 de maio de 2018 foi publicada a Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não Discriminação – Portugal + Igual (ENIND) (Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2018, 2018), que reforça a necessidade de eliminação de estereótipos, uma vez que estes estão na base das discriminações por razão de sexo, impeditivas da igualdade entre mulheres e homens (IMH).

A ENIND assenta em 3 planos de ação (PAIMH – plano de ação para a igualdade entre homens e mulheres; PAVMDVD – plano de ação para a prevenção e combate à violência contra as mulheres e combate à violência doméstica; e PAOIEC - plano de ação para o combate à discriminação em razão da orientação sexual, identidade e expressão de género, e características sexuais) e cada um deles define objetivos estratégicos, objetivos específicos e medidas em cada uma das matérias sobre as quais incidem.

ETAPAS DA INVESTIGAÇÃO

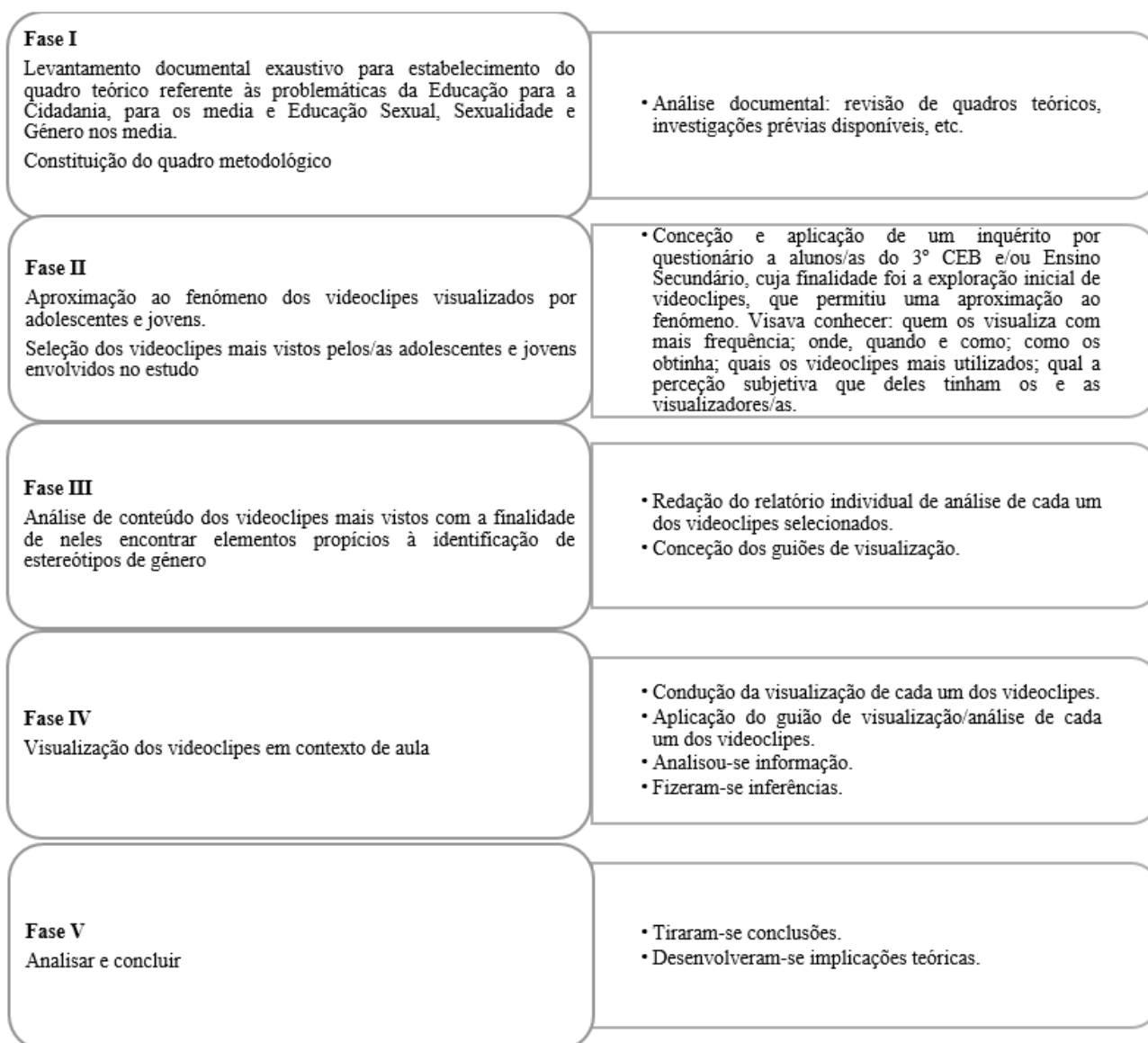
Considerando que a Educação para a Cidadania, para a Sexualidade e para os *media* se constituem como um inquestionável desafio para as práticas educativas dos e das docentes, pretendia-se, usando como objeto de estudo um conjunto de quatro vídeos, saber “Na abordagem didática de vídeos mais visionados por adolescentes e jovens, que imagens de sexualidade e género lhes é permitido recolher?”.

Identificadas tais imagens, importava apreender que papéis e estereótipos de género são enfatizados nos vídeos mais visionados pelos/as jovens e como se expressam as diferenças e a (des)igualdade de género.

O estudo que se apresenta visava analisar o repertório das representações de sexualidade e género presente no discurso de quatro vídeos específicos, selecionados por um grupo de alunos/as, e integrar, nas competências profissionais da investigadora, enquanto docente dos Ensinos Básico e Secundário, a abordagem didática de meios de comunicação audiovisuais de uso comum no quotidiano dos/as jovens. Centrámo-nos, particularmente, na relevância que o uso criativo e responsável dos vídeos pode assumir no processo de ensino e de aprendizagem e na formação de jovens interventivos, críticos e responsáveis. Para tal, numa fase inicial procedeu-se ao levantamento dos vídeos mais visionados pelos/as jovens envolvidos no estudo. Posteriormente conceberam-se e aplicaram-se materiais didáticos que integram abordagens críticas das conceções de sexualidade e género identificadas em adolescentes e jovens e associadas ao discurso dos *media*, nomeadamente num dos recursos por eles mais utilizados, os vídeos.

Na figura seguinte encontram-se elencadas as diferentes fases do estudo.

Figura 1. Fases do estudo (adaptado de Sousa, 2019)



Tendo em conta os níveis/anos de escolaridade atribuídos à docente/investigadora, participaram no estudo 27 alunos/as, do 7º ano de escolaridade (3º Ciclo do Ensino Básico) e 38⁴ alunos/as, do 12º ano (Ensino Secundário), de uma Escola de Ensinos Básico e Secundário, da Região Centro-Norte de Portugal.

Para a implementação do estudo, privilegiou-se a componente letiva destinada à aplicação do projeto de Educação para a Saúde e Educação Sexual, definida de acordo com as orientações dos respetivos Conselhos de Turma. A experiência educativa decorreu no ano letivo 2012-2013, tendo o estudo sido apresentado em 2019⁵.

METODOLOGIA

O estudo enquadra-se no âmbito do paradigma interpretativo uma vez que se pretende compreender e aprofundar o conhecimento de uma dada situação num dado contexto (Carmo & Ferreira, 1998; Coutinho, 2011). Face a situações concretas, a investigadora/formadora procurou fundamentar e atribuir sentido à informação que foi recolhendo, para interpretar e compreender que significados tiveram os factos para aqueles (os e as participantes) que os vivenciaram (Morgado, 2012). A subjetividade é uma característica inerente a um estudo desta natureza, uma vez que ao trabalhar as questões de sexualidade e de género, com forte conotação idiossincrática, a investigadora/formadora tentou interpretar e compreender aspetos relativos ao modo de ser e de sentir próprio de cada um/a dos/as participantes.

Partindo da questão de investigação anteriormente enunciada, optou-se por uma abordagem qualitativa que permitiria compreender os fenómenos em estudo pela procura de significações pessoais e interações entre pessoas e contextos (Coutinho, 2004, 2011). Não sendo generalizável, buscou-se conhecimento passível de ser utilizado, comunicado, mobilizado e transferido (Roldão, 2015). A investigadora/formadora “desenvolve(u) conceitos, ideias e entendimentos a partir de padrões encontrados nos dados” recolhidos (Sousa & Baptista, 2011, p.56). Tratou-se de uma investigação naturalística (Sousa, 2009) que visou compreender um fenómeno contemporâneo, numa situação contextual específica (Pardal & Lopes, 2011; Yin, 2010) e em ambiente natural (Yin, 2010).

O recurso às técnicas e instrumentos da metodologia quantitativa verificou-se, apenas, nos processos de tratamento de dados do questionário aplicado na fase II.

Os videoclipes mais visualizados pelos alunos e pelas alunas foram “As Long As You Love Me ft. Big Sean” (Videoclipe 1) de Justin Bieber, “Try” de P!nk (Videoclipe 2), “Havemos de lá chegar” de João Pedro Pais (Videoclipe 3) e “Scratch My Back” de Aurea (Videoclipe 4) (Figura 2). Cada videoclipe foi cuidadosamente selecionado antevendo resultados idênticos e neles se procurou identificar as imagens/representações de sexualidade e género projetadas, seguindo uma lógica de replicação literal (Yin, 2010). Cada videoclipe selecionado constituiu-se como objeto de estudo, tendo sido analisados, por um lado, o discurso nele veiculado (pretendendo-se identificar a possível existência de desigualdade de género) e, por outro, as relações entre os elementos (letra, imagem e música) presentes em cada um dos videoclipes. O videoclipe é a unidade primária de análise, pelo que foram investigados os elementos: imagem, música e letra, ou seja, três unidades integradas de análise (Yin, 2010). Cada um dos videoclipes foi examinado em detalhe, em profundidade e em contexto natural, estando cientes de que se constituem fenómenos contemporâneos (Yin, 2010) e limitados no tempo (Coutinho, 2011; Sousa & Baptista, 2011).

Figura 2. Capas do CD dos videoclipes (disponíveis na *internet*)



Dada a duração do ano escolar e os tempos letivos usados para a operacionalização da educação sexual em meio escolar (acordados nos respetivos conselhos de turma), o número de videoclipes em estudo foi tido como suficiente para que se compreendesse o fenómeno a estudar (Yin, 2010).

No quadro I são explicitados as técnicas e os instrumentos de recolha de dados utilizados.

Quadro I. Técnicas e instrumentos de recolha de dados (Sousa, 2019)

Técnicas	Instrumentos de recolha de dados
Inquérito	Questionário aplicado aos/as alunos/as
Observação	Registos da investigadora/formadora
Análise documental	Guiões de visualização Relatórios da investigadora/formadora

Os referidos instrumentos foram elaborados e utilizados de forma a recolher, de modo o mais completo possível, todas as informações inerentes ao objeto de estudo, nunca perdendo de vista a questão formulada, os objetivos delineados e o contexto em que o estudo estava a ser realizado (Morgado, 2012).

Para registar as opiniões da investigadora/formadora e dos/as jovens participantes, relativamente ao discurso veiculado pelos vídeos, foram elaborados quatro guiões de visualização/análise. Os guiões resultaram de adaptações de instrumentos elaborados pela equipa envolvida no Projeto de Investigação “Sexualidade e Género no Discurso dos *media*”, do Centro de Investigação Didática e Tecnologia na Formação de Formadores da Universidade de Aveiro. A construção de cada guião teve como referencial metodológico o trabalho desenvolvido por Díez Gutiérrez (2004a, 2004b), cujo objeto de estudo foram os videojogos. Cada uma das atividades propostas no guião de análise/visualização do vídeo, aplicadas em contexto de sala de aula, baseia-se na experimentação, na reflexão e na ação (Díez Gutiérrez, 2004b). À semelhança dos videojogos, os vídeos veiculam mensagens de sexualidade e género, são responsáveis por imagens e modelos mentais que condicionam atitudes, comportamentos e ações e é importante que tais mensagens sejam desconstruídas. A análise crítica dos vídeos, acompanhada por um processo de reflexão e questionamento do discurso por eles veiculados contribui para uma mudança de atitudes, para além de, capacitar os/as jovens para uma intervenção mais informada, crítica e responsável.

Tendo em conta a faixa etária de um dos grupos de participantes (7º ano de escolaridade), optou-se por guiões semelhantes para cada um dos vídeos em estudo. Cada guião apresenta um conjunto de atividades, divididas em quatro grandes blocos: “aprender a olhar”, “compreender e analisar”, “interpretar e avaliar” e “transformar” (Díez Gutiérrez, 2004b).

O guião de visualização do vídeo 1 foi preenchido por 27 alunos/as, o vídeo 2 por 38 alunos/as e os vídeos 3 e 4 foram analisados pelos dois grupos de alunos.

No decurso da implementação do estudo, a investigadora/formadora utilizou, ainda, a observação como técnica de recolha de dados (Yin, 2010; Pardal & Lopes, 2011; Sousa & Baptista, 2011), com o objetivo de compreender melhor o fenómeno em estudo (Coutinho, 2011). Para a realização desta observação *in loco* aproveitaram-se os momentos da visualização/análise e preenchimento dos guiões de cada um dos vídeos. A observação materializou-se em notas de campo, ora descritivas, ora reflexivas, que lhe permitiram registar os acontecimentos tal como foram percebidos e “conhecer o fenómeno em estudo a partir do interior” (Pardal & Lopes, 2011, p. 72). Regra geral, eram registados, de forma discreta, alguns tópicos durante o período de implementação do estudo (aula/tempo letivo) ou imediatamente após e, posteriormente, feita uma análise rigorosa, era elaborado o descritivo final (Estrela, 1994). As anotações diziam respeito a ideias e/ou comentários expressos por um determinado/a aluno/a, descrição de interações não-verbais e às reflexões da investigadora/formadora sobre o funcionamento das aulas em relação à implementação do estudo. Estas viriam a assumir um papel central no processo educativo, constituindo-se como um encontro entre a investigadora/formadora e o mundo que a cercava. As situações vividas pela investigadora/formadora constituíram-se, normalmente como pontos de partida para um processo reflexivo e crítico sobre a prática educativa, potencializado pela escrita, na medida em que esta exigiu (re)elaboração e (re)significação do pensamento (Alarcão, 2005; Alarcão & Tavares, 2010).

Os questionários ao serem mistos, caracterizados por possuírem perguntas abertas e fechadas, levaram a que o tratamento dos dados recolhidos fosse efetuado recorrendo a dois métodos distintos: a análise de conteúdo e a análise estatística descritiva. No tratamento dos dados recolhidos através das perguntas abertas recorreu-se à análise de conteúdo (Bardin, 2009) e no tratamento dos dados recolhidos a partir das perguntas fechadas recorremos à análise quantitativa/estatística descritiva, usando o programa Microsoft Excel® (MS – Excel) – Versão 2010, para organização dos dados obtidos e elaboração de quadros e gráficos, permitindo transformar os dados em informação.

Para os restantes instrumentos de recolha de dados (relatórios, anotações recolhidas/notas de campo, guiões de visualização), recorreu-se à análise de conteúdo, conjunto de técnicas de análise das comunicações (Bardin, 2009), com o objetivo de aceder ao significado da informação recolhida (Amado, 2013).

A análise crítica dos vídeos (recorrendo ao guião de visualização) enquanto estratégia para a implementação da Cidadania e Desenvolvimento e da Educação Sexual em meio escolar, tidas como temas socioculturais, foi norteada por princípios orientadores que minimizassem confrontos com “crenças e hábitos sociais que geram inevitavelmente posturas e princípios que devem ser respeitados” (Alcobia, Mendes & Serôdio, 2004, pp.8-9), mas que “obrigassem” as pessoas envolvidas (estudantes e professora) a pensar e a questionar as mensagens veiculadas.

• Aprender a olhar

O primeiro bloco de atividades de cada um dos guiões pressupunha exercitar o olhar crítico, observando como as imagens, os sons, as interações verbais e não-verbais e o ambiente onde se desenrola a ação, etc., ajudam a construir uma determinada perspetiva da realidade, orientam um olhar concreto sobre rapazes/homens e raparigas/mulheres, as suas identidades, papéis sociais e relações afetivas que se estabelecem (Teixeira & Frias, 2011; Frias & Teixeira, 2016), permitindo em cada um dos casos, desconstruir a história narrada e caracterizar protagonistas. Assim sendo, constatou-se que:

- os eixos temáticos identificados pelos/as participantes se centram na afetividade (paternal, parental, erótica e sexual, amizade) e no amor, nas relações interpessoais que se estabelecem em meio laboral e na violência nas relações afetivas e/ou amorosas; “As Long As You Love Me”, “Try” e “Havemos de lá chegar” abordam a temática das relações afetivas, mais concretamente do amor, enquanto em “Scratch my back”, a narrativa se centraliza nas relações interpessoais em contexto laboral. Imagem, letra e música, em “As Long As You Love Me”, remetem para uma canção de amor adolescente, em que o apaixonado fala da relação conturbada com a pessoa amada, em “Try” retratam a violência no domínio das relações interpessoais, mais especificamente nas relações de intimidade e em “Havemos de lá chegar” aportam a temática do amor, “falam” sobre pessoas, relações, encontros e desencontros, lutas, recomeços e um turbilhão de emoções.

- a figura masculina projetada nos vídeos em estudo apresenta-se fisicamente como adulto (jovem), alto, musculado, com cabelo castanho, olhos castanhos e rosto oval.
- psicologicamente, o(s) homem(ns) define(m)-se como calmo(s) e dominador(es) e amiúde delicado(s) e agressivo(s).
- o vestuário tido como adequado para o homem inclui calças e, em alguns casos, casaco e/ou fato.
- tendo em conta o contexto da ação, cabe ao homem dançar (exterioriza a vida social, desperta emoções e remete à sexualidade), sendo vulgar envolver-se em atos de violência e agressão.
- nas situações específicas retratadas, o homem não se coíbe de expressar paixão, ternura e agressividade e, de acordo com a situação, também amor.
- em contexto das relações amorosas e afetivas, o homem movimenta-se o espaço público, onde se expõe mais; exerce violência no espaço privado do lar, sendo também o espaço privado, o preferido para estabelecer relações laborais. As agressões entre homens ocorrem no espaço público -rua, enquanto as verificadas entre um homem e uma mulher se confinam ao espaço privado do lar.
- as figuras femininas projetadas nos vídeos em estudo apresentam-se, preferencialmente, como adultas, jovens, altas, magras, olhos claros, verdes e cabelo loiro.
- no caso concreto destes vídeos, psicologicamente, a(s) mulher(es) define(m)-se como calma(s), delicada(s), por vezes, apaixonada(s) e possessiva(s).
- o vestuário tido como adequado para a mulher inclui vestidos, apostam nos decotes e roupas justas.
- tendo em conta o contexto da ação, cabe à mulher dançar (remete às emoções e à sexualidade) e envolver-se em relações afetivas e amorosas.

- frequentemente, a mulher expressa amor, paixão, ternura e tristeza.
- a mulher está, basicamente, confinada ao espaço interior do lar e/ou do local de trabalho (na esfera do privado).

Em suma, o exercício crítico do olhar aponta para a perpetuação de estereótipos relativos:

- às características físicas (homem como sendo adulto, alto, musculado; mulher como sendo pessoa adulta, jovem, alta, magra, com olhos claros e cabelo loiro);
- aos traços ou atributos de personalidade (homem – dominador, agressivo, que se envolve em atos de violência e agride; mulher - calma, delicada, apaixonada, por vezes, possessiva, envolve-se em relações afetivas e amorosas, expressa amor, paixão, ternura e tristeza);
- aos papéis desempenhados em função do contexto (homem age e movimenta-se, sobretudo, na esfera do espaço público; mulher alvo da ação e confinada à esfera do privado);
- às indumentárias (calças, casaco e/ou fato para o homem e vestidos, decotes e roupa justa exclusivos das mulheres).

• Compreender e analisar

Nesta fase que visava desconstruir significados - ao compreender e analisar as imagens, os papéis, as intenções na ação, presentes no videoclipe-, dada a especificidade dos vídeos no que se refere ao número de protagonistas e respetivo sexo, foram tidos em conta os relacionamentos entre protagonista(s) masculino(s) e feminino(s).

Nos 4 vídeos, homens e mulheres apostam em relacionamentos de cariz sexual e de cumplicidade, independentemente de se tratar de relações afetivas e/ou amorosas ou laborais. Às relações afetivas e/ou amorosas, incluindo aquelas em que ocorre violência e maus-tratos, associam-se relacionamentos de amor e de namoro. Atitudes e comportamentos inerentes à sexualidade e género nos relacionamentos entre homens e mulheres incluem carícias, sexismo e jogos de sedução.

Perpetua-se:

- a representação da mulher como objeto de desejo do homem;
- a desigual visibilidade nas relações afetivas que se estabelecem em função da orientação sexual (hetero, homo e bissexual);
- a ideia de profissões para homens vs profissões para mulheres.

• Interpretar e avaliar

O conjunto de atividades deste bloco orientavam-se para a interpretação e avaliação dos valores que, implícita e explicitamente, estão embutidos nas imagens, letra e música.

Nesta fase que visava a tomada de consciência das diferentes dimensões da sexualidade, foram tidas em conta as relações de proximidade e/ou afastamento entre as cenas visionadas e o quotidiano dos/das estudantes, tendo havido uma certa unanimidade na constatação de que os vídeos recriam acontecimentos sociais, promovem a heteronormatividade e expressam as relações hierárquicas e de poder entre homens e mulheres.

• Transformar

Porque é importante desconstruir os conceitos tradicionais, redesenhar os papéis de homens e de mulheres, importava elaborar propostas alternativas não discriminatórias por razão de sexo, de orientação sexual e/ou da identidade ou expressão de género e que tendam a esbater estereótipos.

No quadro II encontram-se extratos das propostas elaboradas.

Propostas de reformulação visando promoção da igualdade de género
Videoclipe 1
(...) papel mais interventivo da protagonista.
Videoclipe 2
(...) diminuição de atos de violência e a eliminação das suas marcas; não inferiorização da mulher; incluir mensagens de alerta e dar a conhecer serviços de apoio à(s) vítima(s).
Videoclipe 3
(...) necessidade de retratar, de forma mais evidente, os diferentes tipos de amor bem como as relações afetivas que se estabelecem em função da orientação sexual (hetero, homo e bissexual), alertando para o facto de as pessoas homossexuais ou bissexuais serem confrontadas com as mesmas questões que as pessoas heterossexuais para encontrarem o seu caminho nas relações amorosas e nas diferentes formas de relacionamento; clarificar as relações afetivas parentais e as de cariz sexual.
Videoclipe 4
(...) igual participação de homens e mulheres no mercado de trabalho, desconstrução da ideia de profissões tendencialmente femininas e tendencialmente masculinas e lugares de chefia ocupados por elementos de ambos os sexos.

Da análise do quadro II sobressaem propostas que apontam no sentido de:

- criar condições de equidade (igualdade de oportunidades) para a participação de todos/as os/as cidadãos e cidadãs nas decisões que os/as afetam;
- combater a violência de género e defender e apoiar as vítimas;
- combater a discriminação em razão da orientação sexual ou da identidade de género;
- promover a igualdade entre homens e mulheres no processo de tomada de decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise de todos os dados recolhidos considera-se que:

- os e as jovens envolvidas conseguiram reconhecer e identificar estereótipos de género associados aos traços físicos, psicológicos e papéis veiculados pelas personagens femininas e masculinas.
- foi possível promover nos/as “utilizadores/as” femininos e masculinos o conhecimento aprofundado de cada um dos vídeos, fruto da análise crítica e reflexiva feita, constatando que uma análise cuidada do discurso por eles veiculado permitiu estabelecer uma ligação entre os acontecimentos sociais neles retratados e os anseios, as expectativas e os padrões de comportamento seguidos pelos e pelas jovens envolvidos no estudo.
- o discurso veiculado nos vídeos analisados, sobretudo ao nível da imagens e das interações verbais e não verbais, (re)produz visões estereotipadas de sexualidade e género, sublinha a desigualdade de género, a desigualdade nas relações de poder e privilegia a heteronormatividade.
- em termos de resultados de aprendizagem, as alunas e os alunos exploraram “representações, presenças e silêncios” em vídeos, tendo sido capazes de identificar “estereótipos” por eles veiculados, identificaram “preconceitos e estratégias de manipulação” e compreenderam “que o processo de edição dá ao texto/mensagem um determinado significado” (Pereira, Madureira, Pombo & Guedes, 2014, p.15), tal como se pressupõe no Referencial de Educação para os Media.

Cada um/a dos/das alunos/as interpretou a mensagem veiculada por este videoclipe a partir dos filtros que detinha e das suas interferências emocionais, refletindo o modo de ser e de sentir próprio de cada um/a, o que pode ter conduzido a alterações na percepção de uma dada realidade.

As abordagens feitas vão ao encontro dos eixos temáticos propostos para a educação para a cidadania, a saber: atitude cívica individual (identidade cidadã, autonomia individual, direitos humanos); relacionamento interpessoal (comunicação, diálogo); relacionamento social e intercultural (democracia, desenvolvimento humano sustentável, globalização e interdependência, paz e gestão de conflitos) (Documento do Fórum de Educação para a Cidadania, 2008) e incluem-se nas áreas da igualdade de género (integra o 1º grupo), sexualidade e *media* (incluídas no 2º grupo) da ENEC. Importa ainda referir que a igualdade de género (ODM 5) é prioridade da UNESCO, organização que defende a integração das questões da igualdade de género na educação em todos os níveis de ensino, em todos os cenários (educação formal, não formal e informal) e em todas as áreas de intervenção

Assim se corrobora a ideia de que é necessário trabalhar as questões de sexualidade e género veiculadas nos discursos dos vídeos, para que este não seja recebido de forma passiva, até porque o discurso está pejado de subjetividade. Não obstante alguns acontecimentos recentes que têm gerado controvérsia na sociedade portuguesa pela recusa de frequência da área curricular de Cidadania e Desenvolvimento nos 2º e 3º ciclo, lança-se à(s) escola(s) o desafio de assegurar que ninguém fica para trás (Agenda 2030). Confirmando que a integração dos vídeos no contexto da operacionalização da educação sexual em meio escolar e componente de Cidadania e Desenvolvimento é exequível e passível de envolver os diferentes intervenientes no processo de ensino e de aprendizagem, os guiões de visualização têm sido aplicados a outros vídeos, tendo em conta os interesses dos e das jovens que participam. A experiência mais recente decorreu no ano letivo de 2019/2020, em que a escolha recaiu sobre os vídeos “Born to Die”⁶, de Lana del Rey (Elizabeth Woolridge Grant), lançado em 2012 e “Power Over Me”⁷, do cantor e compositor irlandês Dermot Kennedy, lançado pela primeira vez no YouTube® em 13 de novembro de 2018, tendo a análise crítica do discurso por eles veiculado confirmado os resultados anteriormente apresentados.

Para terminar, atente-se aos exemplos recentemente vindos a público nos *media* (Jornal Público, 8 de agosto de 2021)⁸, nomeadamente o caso da Extreme Football League, também conhecida como Lingerie Football League, que existe nos EUA, desde 2009, em que as mulheres jogam futebol americano de biquíni e de ligas, sendo o corpo feminino claramente uma ferramenta de atração da atenção dos espetadores e dos patrocinadores, e o das atletas da seleção feminina de andebol de praia norueguesa que, em sentido contrário, enfatizando a necessidade de mudança e, de algum modo, para travar uma luta que ponha fim à sexualização do corpo feminino, no 18 de julho se recusaram a usar as habituais cuecas de biquíni, tendo optado por calções e o das ginastas alemãs que nos jogos Olímpicos de Tóquio 2020, que decorreram em 2021 face ao contexto pandémico, decidiram usar um fato diferente do habitual, por considerarem sentir-se desconfortáveis.

Portanto, entende-se como sendo essencial a promoção de práticas educativas que incluam uma perspetiva crítica de género, de forma a contribuir para eliminar estereótipos e estigmas sociais que, no quotidiano, teimam em condicionar e multiplicar a exclusão social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I. (2005). *Professores reflexivos em uma escola reflexiva* (5ªed). S. Paulo: Cortez.

Alarcão, I., & Tavares, J. (2010). *Supervisão da prática pedagógica-Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem* (2ªed). Coimbra: Almedina.

⁶Preencheram o guião de visualização/análise 22 alunos/as, 15 raparigas e 7 rapazes, cujas idades variavam entre os 15 e os 17 anos.

⁷Preencheram o guião de visualização/análise 23 alunos, 13 rapazes e 10 raparigas, cujas idades variavam entre os 15 e os 17 anos.

⁸In <https://sol.sapo.pt/artigo/742938/ficava-muito-exposta-em-certas-figuras>, consultado em agosto de 2021.

- Alcobia, H.; Mendes, A.R.; Serôdio, H.M. (2004). *Educar para a sexualidade*. Porto: Porto Editora.
- Amado, J. (2013). *Manual de Investigação Qualitativa em Educação*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (1998). *O Projecto de Investigação em Ciências Sociais. Metodologia da investigação - Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 31-53.
- Carvalho, A.; Matos, C.; Minderico, C.; Almeida, C.T; Abrantes, E.; Mota, E.A, ... Lima, R.M. (2017). *Referencial de Educação para a Saúde*. Lisboa: Ministério da Educação - Direção Geral da Educação, Direção Geral da saúde.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: da teoria à prática*. Coimbra: Almedina.
- Despacho n.º 6173/2016 da Presidência do Conselho de Ministros e Educação - Gabinetes da Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade e do Secretário de Estado da Educação (2016). Diário da República, Série II, nº 90. <https://dre.pt/home/-/dre/74377024/details/maximized>.
- Despacho n.º 6478/2017, do Gabinete do Secretário de Estado da Educação (2017). Diário da República Série II, n.º 143. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf.
- Díez Gutiérrez, E. (coord.) (2004a). *La diferencia sexual en el análisis de los videojuegos*. Madrid: CIDE/ Instituto de la Mujer.
- Díez Gutiérrez, E. (coord.) (2004b). *Guía didáctica para el análisis de los videojuegos*. Madrid: CIDE/ Instituto de la Mujer.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes*. (4ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Frade, A.; Marques, A.; Alverca, C.; Vilar, D. (2010). *Educação Sexual na Escola. Guia para professores, formadores e educadores*. (8ªed). Lisboa: Texto Editores.
- Frias, A. & Teixeira, F. (2016). Sexualidade e Género na prevenção da infeção VIH e Sida: análise da campanha «LOVE LIFE». *Multiárea. Revista de didáctica*, n. 8 (2016): 116-133.
- Lei n.º 46/86. Lei de Bases do Sistema Educativo (1986). Diário da República, Série I, n.º 237. <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70328402/202108200026/70486655/diplomaExpandido>
- Morgado, J.C. (2012). *O Estudo de Caso na Investigação em Educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Pardal, L., & Lopes, E. S. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Maia: Areal Editores.
- Pereira, S.; Madureira, E.J.; Pombo, T. & Guedes, M. (2014). *Referencial de Educação para os Media para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário*. Ministério da Educação e Ciência.
- Roldão, M.C. (2005). *Estudos de práticas de Gestão do Currículo - que qualidade de ensino e de aprendizagem*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Sousa, A. B. (2009). *Investigação em Educação (2ª ed.)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sousa, A.M.M.S. (2019). *Videoclipe(s) como recurso didático: Ver, Ler e Ouvir a (Des)Igualdade de Género nos media*. Tese de Doutoramento em Educação. Departamento de Educação: Universidade de Aveiro
- Sousa, M. J., & Batista, C. S. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios (2ª ed.)*. Lisboa: Pactor.

Teixeira, F., & Frias, A. (2011). *Guião de Análise do filme de uma campanha de prevenção do VIH/SIDA*. Aveiro: CIDTFF.

Vieira, C.; Nogueira, C. & Tavares, T.C. (2011). Enquadramento teórico. Género e Cidadania. In Cardona, Nogueira, Vieira, Piscalho, Uva & Tavares. *Guião de Educação Género e Cidadania. 1º ciclo do ensino básico*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género, pp.7-48.